

THE LOST WORLD / 1925

(O Mundo Perdido)

um filme de Harry O. Hoyt

Realização: Harry O. Hoyt / **Supervisor:** Earl Hudson / **Argumento:** Marion Fairfax, segundo o romance homónimo de Sir Arthur Conan Doyle / **Fotografia:** Arthur Edeson / **Pesquisas e Efeitos Especiais:** Willis H. O'Brien / **Miniaturas:** Marcel Delgado / **Intérpretes:** Bessie Love (Paula White), Lloyd Hughes (Ed Malone), Lewis Stone (Sir John Roxton), Wallace Beery (Professor Challenger), Arthur Hoyt (Professor Summerlee), Margaret McWade (Mrs. Callenger), Finch Smiles (Austin, mordomo de Challenger), Jules Cowles (Zambo), Bull Montana (homem-macaco), George Bunny (Colin McArdie), Charles Wellsley (Major Hibard), Alma Bennett (Gladys Hungerford).

Produção: First National / **Cópia:** versão digital, preto e branco com tintagens, muda, com intertítulos em inglês e legendagem eletrónica em português, 104 minutos / **Estreia Mundial:** cinema Astor, Nova Iorque, em 2 de Fevereiro de 1925 / **Estreia em Portugal:** Odeon, em 28 de Novembro de 1928.

Com acompanhamento ao piano por João Paulo Esteves da Silva na sessão de dia 8 e com música da versão restaurada na sessão de dia 14

O filme que vamos ver é uma verdadeira curiosidade histórica, uma espécie de relíquia do cinema, testemunho de métodos primitivos, etapa ultrapassada no desenvolvimento dos efeitos especiais, como os dinossáurios o são de uma idade primitiva da Terra. É também um pioneiro a vários níveis, e como acontece a quase todos os pioneiros, irremediavelmente ultrapassado pelos seus sucessores. Este último facto estará na origem da quase desaparecimento do filme, reduzido progressivamente no tamanho (fez-se mesmo uma versão de 10 minutos para apresentação em escolas, e que chegou a ser exibida no programa «Museu do Cinema» de António Lopes Ribeiro na RTP nos anos 60) e perdendo a qualidade de imagem a pouco e pouco. Na segunda metade da década de 70 procedeu-se a um relançamento do filme com a material existente de que resultou uma metragem de cerca de 75 minutos (a versão original comportava 103 minutos). No fim dos anos 90, foi de novo restaurado com novos materiais para edição DVD, para explorar o sucesso do filme de Spielberg **Jurassic Park** e a sua sequência, **The Lost World**, que nada têm a ver com o romance de Sir Arthur Conan Doyle onde este filme se inspira (e que seria de novo adaptado por Irwin Allen em 1960 com o mesmo título, tal como a nova versão canadiana feita em 1993 por Timothy Bond e uma «sequela» no ano seguinte). Mesmo assim, só com posteriores «descobertas», o filme voltou a conhecer, em 2016, uma versão à altura da duração original, que é a que será agora apresentada.

Este **The Lost World** é, como já dissemos, um filme pioneiro. Não porque se trate do primeiro filme «com» dinossáurios, ou mesmo o primeiro trabalho de Willis O'Brien, mas sim por se tratar da sua primeira longa-metragem e pelo papel que teve no desenvolvimento de um género: o filme de «monstros». Adaptado do romance homónimo de Conan Doyle, com a bênção do escritor (o criador de Sherlock Holmes imaginou um outro personagem para uma série de romances de

aventuras fantásticas: o professor Challenger, inspirado pelos cientistas aventureiros de Jules Verne e pelo Allan Quatermain de H. Rider Haggard), **The Lost World** conta como Challenger e o grupo que o acompanha descobrem um «mundo perdido» no interior da selva amazónica onde sobrevivem as espécies primitivas que povoaram a Terra, e de como transportam um brontossauro para Londres que acaba por se evadir e provocar estragos na cidade antes de se escapar para o mar, de regresso ao seu habitat. Como se pode ver pelo breve resumo que demos, trata-se do modelo que irá inspirar quase todos os filmes do género (e não só de «monstros», pois a própria «atmosfera» fantástica da selva será explorada noutro tipo de filmes, como **The Most Dangerous Game/O Malvado Zaroff**, de Shoedsack e Irving Pichell), com maiores ou menores variantes, sejam americanos, ingleses ou japoneses. Concretamente, **The Lost World** é o cadinho onde se vai preparar a fórmula da obra-prima do género, **King Kong**, que «nascerá» oito anos depois de **The Lost World**, tendo o mesmo «pai»: Willis O'Brien. Na verdade, no caso de **The Lost World** é O'Brien o verdadeiro «autor», pois o filme apoia-se exclusivamente nos «efeitos especiais», sendo a «narrativa» mais do que elementar e inconsequente e o trabalho do realizador Harry O. Hoyt (de que não se conhece outro trabalho que mereça referência) responsável pelas cenas com personagens reais, rotineiro e sem energia, com uma «intriga» sentimental praticamente metida a martelo. O primeiro trabalho de O'Brien com «monstros pré-históricos» foi uma curta metragem feita em 1918, **The Ghost of Slumber Mountain**, que utilizava a fórmula do «sonho» ou «pesadelo», então aplicada com frequência no cinema de animação e na banda desenhada (onde se destacam os trabalhos do grande Winsor McCay, autor do primeiro dinossauro no desenho animado, o simpático e irresistível Gertie, «nascido» em 1909). Quando o proprietário dos direitos para o cinema do romance de Conan Doyle, Watterson R. Rothaker, sugeria a sua adaptação ao cinema, O'Brien ficou entusiasmado e os dois acabariam por convencer a First National a avançar com o projecto.

O filme de Hoyt e O'Brien divide-se praticamente em três partes (esquema retomado em **King Kong** e seguintes). Uma primeira de «exposição», onde as personagens se preparam para a viagem com os problemas de financiamentos; uma segunda totalmente dominada pela paisagem antediluviana povoada de monstros em permanente luta; a terceira refere-se à apresentação do brontossauro em Londres e a sua fuga). Como se vê o esquema é retomado quase na íntegra em **King Kong**. O interesse de **The Lost World** centra-se praticamente nestas duas últimas partes. Mesmo primitivo a um olhar moderno, o trabalho de O'Brien permanece notável, com pequenos pormenores que dão uma certa «expressividade» às maquetas dos animais feitas por um jovem escultor mexicano de 19 anos: Marcel Delgado (que incluíam balões no interior que eram inchados por válvulas para darem a ilusão de respiração). Um dos planos mostra-nos mesmo um dos «monstros» a arreganhar a boca, que anuncia movimentos faciais mais sofisticados que Kong fará. Também na última parte **The Lost World** anuncia **King Kong**, com as imagens do brontossauro circulando pelas ruas de Londres, principalmente no plano em que derruba um edifício, ou a da ponte onde cai no rio que o leva para o oceano perante o olhar desconsolado de Challenger.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico